



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



Os sentidos da expressão *língua materna* na Idade Média

José Edicarlos de Aquino
edicarlos_aquino@yahoo.com.br
IEL – UNICAMP/FAPESP

Este trabalho tem como objeto os sentidos da expressão *língua materna* na Idade Média. Nosso referencial teórico-metodológico é o da História das Ideias Linguísticas. Com isso, queremos dizer que, ao percorrer e analisar os sentidos da expressão no período indicado, procuraremos articular língua e metalinguagem, ou melhor, língua e discurso sobre a língua, colocando como elementos fundamentais de análise aquilo que Auroux (1992) chama de horizonte de projeção e horizonte de retrospectão, isto é, a constituição simultânea de um passado e um futuro do momento histórico que nos interessa a partir dos próprios textos analisados. Trazendo Auroux (1992), Chevalier e Delesalle (1986), Guimarães (2004, p. 11) nos adverte que “é preciso que uma história das ideias considere uma análise das obras específicas pertinentes, as instituições em que este saber se constitui e os acontecimentos que, nestas instituições, catalisam aspectos específicos da produção deste saber”. Considerando que uma história das ideias linguísticas envolve – de forma não somatória – as instituições, os acontecimentos e as obras, admitimos que, em nosso trabalho, atentaremos as obras, especificamente, no nosso caso, escritos da Idade Média em que figuram os primeiros registros conhecidos da expressão *língua materna*. Por meio da atribuição do significante *mãe* ou *maternal* ao significante *língua*, reverberam muitos sentidos: *fala infantil, linhagem sanguínea, clã, oralidade, território, comunidade, povo, línguas regionais e nacionais, nação*. A expressão *língua materna* se espalha por toda Europa medieval a partir do século XII d.C. Antes desse período, há apenas um único registro de tal denominação, nas *Metamorfoses*, de Ovídio, onde se lê: *illic inmeritam maternae pendere linguae, Andromedan poenas iniustus iusserat Ammon*, tratando-se, nesse caso, não de *língua*, mas de *fala*, pois, na Antiguidade Clássica, eram os significantes *lingua propria, lingua nativa, lingua sua* ou *nativa lingua* que se empregavam para nomear a *primeira língua*, sentido hoje atribuído à *língua materna*. Da mesma forma, quando se queria nomear a *língua da tradição, das origens*, outro sentido atribuído à *língua materna*, o termo empregado era *sermo patrius* (língua do pai). Esta era a língua falada em Roma: o *sermo patrius* (ou *lingua patria*), o latim, língua na qual eram feitas a liturgia, as gramáticas, os tratados de lógica e retórica, bem como as diversas atividades intelectuais e científicas. Por outro lado, ao longo dos séculos X e XI, período em que “o latim é antes de tudo uma língua que se deve aprender” (AUROUX, 1992, p. 42), os vernáculos eram chamados *lingua rusticana* ou *rustica, sermo rusticus, rustice, pagensis lingua, lingua rusticorum, romana lingua, romane* e, finalmente em 1119, *materna lingua*. Todos esses registros são encontrados em textos escritos em latim e a expressão *língua materna* aparece aí em oposição justamente ao latim. A partir de Dante Alighieri, a expressão *língua materna* é escrita em língua materna, possibilitando uma nova rede de sentidos. Dessa forma, tem-se *parlar materno* na Divina Comédia (1304-1321); *langage commun et maternel*

no prólogo da tradução das *Éticas*, de Aristóteles, feita por Nicolau de Oresme (1361); *langue naturelle et maternelle* na obra *Gargantua e Pantagruel*, de Rabelais (1532); *langage François ou maternel* na Ordonnance de Moulins (1490); *langage maternel françois et non autrement* na Ordonnance de Villers-Coterêts (1539). Adiantamos como resultado do nosso trabalho que a *língua materna* é uma invenção do Ocidente medieval, forjada diante da *língua paterna* (*patrius sermo*, o latim) em um duplo movimento: da *língua paterna*, pensada enquanto estrutura, surge a *língua materna*, outra estrutura, pois do latim nascem os vernáculos, e, da *língua paterna*, pensada enquanto discurso(s) sobre a língua, surge a *língua materna*, outro(s) discurso(s) sobre a língua

Palavras-chave: História das ideias linguísticas; Língua Materna; Língua Paterna, Latim; Idade Média.

Referencias bibliográficas

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. São Paulo: Pontes, 2004.

Área/linha teórica do trabalho: Linguística/História das Ideias Linguísticas

Tipo de apresentação: Comunicação.

Sessão coordenada: Grupo Temático História das ideias Linguísticas. Coordenado por Bethania Mariani.